

COLE PORTER EM MELGAÇO

Luís-Cláudio Ribeiro

I

Anda-se. Abre-se uma porta que dói
encerrando o seu ruído que é um mundo.
Afasta-se. Tudo desaparece num instante.
Podia ser de outro modo. Em mim.
Para lá da cidade o campo,
os gritos dos que são felizes. Muitos.
Cumpriu-se o tempo como se cumpre o fogo.
Acertar no grão de pó
quando se desenha a palavra.
Acertar na vida.

A dor nasce de um teclado vazio.
De que parto.
No fundo do mar
onde a noite encobre o fundo do tempo
uma pálpebra desmaia
de agonia.

II

estive aqui há um ano.
Tudo é agora diferente.
Continuam os mesmos bares
maior o deserto que não havia:
«o deserto está cheio de igrejas e bares»,
dizia Greene na sua razão.

III.

Gosto da carne doce
dos animais
que nascem moribundos
e se passeiam pelas ruas
das aldeias frias.

IV

Sob o corpo há um ruído verbal
como sempre foi o do animal a amar

Dói não saber contar
como nos ensinaram
para ser mais natural o amor

V

Tomar o mundo pela parte
como se fosse o amor pela mulher.
Deixar o tempo à poeira,
a esfriar sobre as folhas,
em estranho movimento
quase uma forma de vida.

Servirmo-nos das casas
para podermos ficar mais tempo
presos ao sol da rua,
deixar feliz o tempo.